

NECESSIDADE DA TRADUÇÃO DE ARTEFATOS CURRICULARES PARA A CULTURA SURDA PARAENSE: UMA ANÁLISE SOBRE A PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E CONSUMO DA CULTURA SURDA BRASILEIRA

Angela Nediane dos Santos – UFPel

Violeta Porto Moraes - UFPel

Este trabalho é um recorte das análises que estão sendo realizadas no Projeto “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, que se filia ao campo dos Estudos Culturais por entender a cultura como campo de luta em torno de significação social e aos Estudos Surdos, por conceber a cultura surda como espaço de contestação e de constituição de identidades e diferenças. Este projeto tem como objetivo mapear, coletar e analisar as produções culturais das comunidades surdas brasileiras, assim como dar visibilidade a tais produções. Integram o Projeto, três Instituições Federais de Educação Superior: UFSM¹, UFPEL² e UFRGS³. O mapeamento, a coleta dos dados e as análises iniciais foram realizadas de 2010 à 2012 – período em que o projeto recebeu financiamento do Programa Pró-Cultura (CAPES/MINC). Neste momento estão sendo realizadas análises dos materiais coletados nas duas etapas da pesquisa.

As análises trazidas neste recorte referem-se à segunda etapa da pesquisa que objetivou coletar as produções culturais nas diferentes regiões brasileiras, com ênfase nos espaços em que há um movimento surdo organizado, tais como associações de surdos, espaços educacionais, entre outros. Cada uma das três Universidades realizou a pesquisa em algumas capitais assim distribuídas: UFPel: Recife, Fortaleza e Belém; UFRGS: Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília; UFSM: Curitiba, São Paulo e Campo Grande. Também houve investigações em Florianópolis e Porto Alegre, ambas realizadas pela UFRGS.

O Polo UFPel ficou responsável por coletar dados referentes às produções artístico-culturais de cidades de três estados brasileiros, localizados nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, quais sejam: Fortaleza – CE, Recife – PE e Belém – PA. No período que antecedeu as viagens foram realizados contatos com instituições, bem como com as pessoas envolvidas com as comunidades surdas das regiões a serem visitadas. Tivemos alguns retornos, a partir

¹ Universidade Federal de Santa Maria.

² Universidade Federal de Pelotas.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

dos quais marcamos encontros presenciais. Ao chegarmos às cidades visitadas, nos deparamos com outras possibilidades de coleta de dados, além daquelas já contatadas anteriormente.

Trataremos aqui, especificamente, das produções culturais coletadas em Belém, em fevereiro de 2011. Na capital paraense os principais espaços de coletas de dados foram a escola de surdos “UEES Profº Astério de Campos”, bem como o Polo do Curso de Letras/Libras, na UEPA⁴, no qual alunos e professores forneceram informações e contatos, além de entrevistas com grupos teatrais surdos da cidade. Assim, foram encontradas em Belém, entre outros, um número expressivo de produções culturais surdas relacionadas aos artefatos culturais paraenses, tais como cartilhas, glossários e calendários. O foco maior destas produções está na convenção de sinais próprios daquele espaço cultural, bem como na divulgação da língua de sinais.

No trabalho aqui proposto faremos uma análise de alguns materiais coletados em Belém, especificamente aqueles que, a nosso ver, atrelam os artefatos culturais paraenses à cultura surda, numa espécie de tradução cultural. Apresentaremos dois focos de análise desses materiais, sendo o primeiro relacionado à finalidade didático-pedagógica de traduzir para a Libras – Língua Brasileira de Sinais - aquilo que é próprio à cultura paraense. Já o segundo foco coloca a tradução como uma possibilidade de acesso dos surdos à cultura paraense. Vemos assim que se trata de uma via de mão dupla que pode estar constituindo processos de hibridez cultural.

Tradução para a Libras: finalidade didático-pedagógica na produção cultural

Antes de passarmos à análise propriamente dita, consideramos relevante indicar a partir de onde estamos olhando esses materiais considerados por nós produções culturais. Estamos entendendo cultura a partir dos escritos de Canclini (2009), abarcando “[...] o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social.” (p. 41). Assim, entendemos que os artefatos coletados estão imersos em processos sociais de significação e ao circularem em diferentes espaços, sejam eles educacionais ou não, estão sendo consumidos e ao mesmo tempo estão ensinando algo sobre a cultura surda.

Neste trabalho entendemos a tradução cultural como o processo de tradução para a Libras de artefatos da cultura regional paraense. Uma tradução que vai além da língua, mas

⁴ Universidade do Estado do Pará

que perpassa aspectos culturais outros. Conforme Borges e Nercolini (2002), para a tradução cultural

[...] não somente se busca a tradução da língua, mas amplia-se o leque e busca-se traduzir a cultura do Outro nas suas distintas dimensões. A tarefa do tradutor cultural ao tentar fazer com que uma cultura não somente seja aceita, mas entendida por outra, acaba por criar um terceiro espaço, ou melhor, ocupar um espaço entre as duas culturas em questão, um entrelugar possibilitador do diálogo entre elas. (online)

Assim, não partimos do pressuposto da existência de duas culturas puras que são traduzidas, num processo neutro, uma para a outra. Ao mesmo tempo, cabe considerar que tratam-se de culturas distintas que aparecem, nos artefatos coletados, traduzidas especificamente através da tradução linguística. No entanto, sabemos da árdua e complexa tarefa de quem se propõe a fazer este tipo de tradução e das (im)possibilidades da tradução cultural. Nas palavras de Borges e Nercolini (2002)

a tradução cultural coloca uma questão fundamental para os dias de hoje: como entender/compreender uma cultura que não seja a minha? Como conviver com esse Outro, tendo presente o que nos aproxima e o que nos afasta, os conflitos e o diálogo. Não é uma interpretação para minha cultura do que seja o Outro, muito menos sua versão aceitável/palatável. A tradução cultural implica um contato cultural profundo entre duas ou mais culturas. Aproximar-se e deixar-se tocar pelo desconhecido, mesmo correndo-se o risco do enfrentamento, do conflito, parece ser uma maneira mais profícua e certamente mais trabalhosa de tradução cultural. (online)

E é nesta relação com o outro, especialmente aquela provocada pelas atuais políticas públicas de inclusão instituídas no Brasil nas últimas décadas, que nos parece estar situada esta possibilidade de tradução. Mais especificamente, a política de educação bilíngue para surdos, que aposta na inclusão de alunos surdos na escola regular pela simples presença de duas línguas: língua portuguesa e Libras.

Assim, a produção de materiais pedagógicos que contemplem as duas línguas – língua portuguesa e Libras – potencializa tais políticas e faz circular determinados significados sobre a cultura surda e sua necessária relação com a cultura regional paraense.

São recorrentes entre os artefatos da cultura surda coletados em Belém, aqueles que buscam fazer uma tradução cultural da cultura regional paraense para a cultura surda. Trata-se de glossários, cartilhas, entre outros que atrelam a língua de sinais a elementos culturais paraenses tais como os pontos turísticos da cidade de Belém, os animais e as plantas amazônicas, as comidas típicas da região, etc. São materiais que contém, geralmente, a imagem do artefato cultural paraense, o sinal correspondente em Libras e a palavra

correspondente no alfabeto manual da Libras e/ou na língua portuguesa ou a letra inicial da palavra.

Podemos trazer alguns exemplos a fim de explicitar o que estamos nomeando de tradução cultural, a partir dos artefatos culturais coletados em Belém. A “Cartilha Paraense de Sinais”, produzida pela Secretaria de Estado de Educação, é composta por palavras da língua portuguesa e desenhos dos sinais correspondentes. É um glossário, agrupado por temas como “Frutas do Pará”, “Comidas típicas”, “Pontos turísticos”, entre outros.

Outro exemplo que pode ser citado é um projeto desenvolvido por uma escola de surdos, chamado “Alfabeto Manual Regional”, composto por um cartaz que apresenta o alfabeto manual da Libras, sendo que para cada letra foi designado um símbolo da cultura paraense, o qual foi desenhado pelos alunos a partir de um trabalho de pesquisa realizada com auxílio dos professores que elaboraram um portfólio com o significado de cada artefato cultural. Além do cartaz, o projeto também produziu uma cartilha, com um resumo dos significados de cada artefato que compõe o cartaz, dispostos em ordem alfabética da língua portuguesa.

Por último destacamos o Projeto “Animais e Plantas da Amazônia”, produzido por um grupo de pessoas surdas e ouvintes, vinculados às Universidades Federal e Estadual do Pará – UFPA e UEPA. O projeto produziu um livro composto por: imagem do animal ou da planta amazônica, a palavra na língua portuguesa, o sinal da Libras e as letras do alfabeto manual correspondentes à palavra em português.

Esses são apenas exemplos que elegemos para apresentar aqui e demonstrar a recorrência de materiais que tem uma lógica semelhante. Tais materiais evidenciam a necessidade de convencionar sinais da Libras para os artefatos regionais da cultura paraense. A ênfase desta produção cultural surda está na língua de sinais, ou seja, na tradução de termos e artefatos da cultura paraense local em sinais da Libras. Parece que o objetivo dessa produção está na divulgação da Língua de sinais.

Em pesquisa realizada pelo Projeto “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira”, com foco nas produções editoriais, também concluiu que a divulgação da língua de sinais, por meio da simples tradução de livros ou de adaptações culturais dos textos, ou ainda por inserirem personagens surdos em seus enredos, é recorrente no Brasil, especialmente após a aprovação da Lei 10.436 de 2002, que reconhece a Libras como língua da comunidade surda brasileira (SANTOS, SILVA, CARDOSO, MORAES, 2011).

Estes materiais coletados em Belém são produzidos, geralmente, por instituições ou grupos de pessoas envolvidas com a comunidade surda e/ou com a educação de surdos. Tais

materiais, no entanto, não circulam apenas nestes espaços; são disponibilizados para a comunidade em geral, mais especificamente, para as escolas regulares. Com isso, podemos inferir que também nos materiais coletados em Belém, pode-se observar uma finalidade didático-pedagógica, pois servem também para ensinar sinais da Libras referentes aos elementos culturais paraenses.

Esses materiais foram produzidos nas (e para) instituições de ensino, tanto de nível superior como básico, e receberam, na maioria das vezes, patrocínio de órgãos governamentais. Pode-se observar uma finalidade didático-pedagógica, pois servem também para ensinar sinais da Libras referentes aos elementos culturais paraenses, além de serem produzidos por instituições educacionais e permearem seus currículos.

Desse modo, na rede discursiva que aí circula, a língua de sinais se enfraquece como marca cultural para ser enunciada como suporte pedagógico. Conforme afirma Guedes (2009),

passa-se de um processo histórico que alojou a surdez na deficiência auditiva para outro tipo de processo, que está reduzindo a diferença surda ao principal elemento que dá visibilidade à sua cultura: a Língua de Sinais. Essa redução parece estar produzindo um conseqüente enfraquecimento político da comunidade surda, dissolvendo uma bandeira de luta em manobras políticas de aceitação das diferenças, utilizando a língua como estratégia de normalização do sujeito surdo e fortalecendo a escola como maquinaria capaz de homogeneizar e ordenar a pluralidade. (p. 39)

A circulação desses materiais, apesar de sair dos muros das instituições onde são produzidos, não ultrapassa, via de regra, o espaço regional. São produzidos e consumidos pelos paraenses. Seu objetivo parece ser o de mostrar a existência de sinais da Libras para os artefatos da cultura paraense.

Esses materiais apresentam geralmente a palavra escrita na língua portuguesa e o sinal da Libras ou a letra do alfabeto manual correspondente à letra inicial da palavra em português ou até mesmo toda a palavra escrita no alfabeto manual e/ou na língua portuguesa. A partir da observação desses elementos, parece que o público-alvo desses artefatos são as comunidades que usam a língua portuguesa. No entanto, como contém sinais da Libras, também contempla a comunidade surda.

Cabe aqui, porém, fazer uma ressalva. O que percebemos também, na análise que fizemos desses artefatos é que a língua não se apresenta em seu uso comunicativo. Ou seja, o que aparecem são apenas sinais correspondentes a palavras da língua portuguesa, elencados numa ordem alfabética que não corresponde ao uso comunicativo da Libras. Isso pode estar ensinando que apenas conhecer sinais isolados é saber Libras. Cabe assim, refletir sobre o que estão ensinando tais materiais.

Em uma análise sobre as produções literárias que trazem como elementos algumas marcas da cultura surda, tal como a língua de sinais, por exemplo, problematização semelhante foi realizada, considerando “[...] o aumento significativo das produções literárias que abordam a temática da surdez e da língua de sinais, surgem as seguintes inquietações: [...] como a Libras é narrada nessas histórias? De que modo é representada? E os surdos e a surdez, sob que perspectiva são narrados? [...]” (SANTOS, SILVA, CARDOSO, MORAES, 2011, p. 43).

Se entendermos esses materiais como produtores de significados culturais, visto que estão atravessados por significados, conceitos e ideias, precisamos ficar atentos ao que eles estão ensinando e aos significados que estão fazendo circular. Como mostra Silva (2000)

tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também tem uma “pedagogia”, também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade. (p. 139)

Assim, estes artefatos, por serem produzidos em instancias educacionais tem uma finalidade didático-pedagógica bem clara, que nos parece ser a de convencionar sinais da Libras para os elementos da cultura regional paraense. É possível que eles não circulem apenas nos espaços das escolas, mas também em outras instâncias culturais. Por mesclar aspectos pedagógicos com elementos culturais, podemos inferir que eles produzem uma pedagogia cultural. Nas palavras de Silva (2010, p. 139): “ao mesmo tempo que a cultura em geral é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural: o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural.”.

Tradução para a língua de sinais: possibilidades de acesso à cultura majoritária

A presença da língua de sinais nos artefatos coletados em Belém, para além de servir como suporte pedagógico para a inclusão, pode ser vista a partir de outros ângulos. Aqui, especificamente, entendemos que a presença da Libras nos artefatos culturais analisados pode também ser vista como possibilidade de acesso, por parte dos surdos, à cultura majoritária, entendida como a cultura regional paraense.

Ao propor uma atividade como o projeto “Alfabeto Manual Regional”, certamente o objetivo foi o de possibilitar o acesso dos alunos surdos àquilo que circula recorrentemente entre as pessoas ouvintes da cidade de Belém. Para além da imposição da língua portuguesa, por basear-se no alfabeto desta língua, o material produzido pelos alunos surdos em conjunto

com os professores da escola de surdos, objetivou o contato dessas pessoas com elementos culturais regionais e a sua, consequente, convenção de sinais para a Libras. Ao buscarem os significados de cada artefato e os conhecerem em sua materialidade, transformando-os em símbolos (desenho) e traduzindo-os para a Libras, os surdos envolvidos no projeto acessaram à cultura majoritária da sociedade em que vivem. Puderam experimentar processos de produção, circulação e consumo de significados que, sem tradução, não poderiam acontecer de forma efetiva.

A partir da análise desses materiais, podemos concluir que as marcas culturais presentes nos artefatos produzidos por/para surdos estão para além do ser surdo, ou seja, mostram a cultura surda envolvida em outras comunidades culturais. Podemos perceber nesses materiais uma hibridez das marcas culturais, já que estão presentes na produção surda outros elementos que não aqueles que poderiam ser considerados exclusivos dos surdos. Podemos chamar essa circulação de culturas num mesmo artefato de hibridez cultural.

Estamos entendendo hibridez cultural baseados em Canclini (2011), que trata das fronteiras culturais. Segundo o autor,

todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento. (p. 348)

Assim, os artefatos coletados em Belém intercambiam elementos da cultura surda com a cultura paraense, comunicando-se e hibridizando-se. Não é possível distinguir, nos artefatos, aquilo que poderia ser classificado como sendo somente da cultura surda ou da cultura paraense.

Abordando a mudança dos significados atribuídos culturalmente aos artefatos, Canclini (2009) afirma que

uma panela pode converter-se numa jarra de flores, uma saia indígena em toalha de mesa ou em elemento decorativo na parede de um moderno apartamento. Não há por que argumentar que se perdeu o significado do objeto: *transformou-se*. É etnocêntrico pensar que se degradou o sentido do artesanato. O que ocorreu foi que mudou de significado ao passar de um sistema cultural a outro, ao inserir-se em novas relações sociais e simbólicas.” (p. 42)

Desse modo, também mudaram os significados dos elementos culturais paraenses quando traduzidos para a Libras e hibridizados com elementos culturais surdos. Isso mostra a potência da hibridização percebida nos materiais coletados em Belém, os quais certamente

possibilitaram a comunicação entre surdos e ouvintes paraenses no que se refere aos elementos culturais regionais.

Referências:

BORGES, Ana Isabel; NERCOLINI, Marildo José. *A (im)possibilidade da tradução cultural*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 2., 2002, São Paulo. [online] Associação Brasileira de Hispanistas. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000012002000300006&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 11 Abril 2013.

CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Tradução: Luiz Sérgio Henrique. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

GUEDES, Betina S. A língua de sinais na escola inclusiva: estratégias de normalização da comunidade surda. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica (orgs.). *Inclusão escolar: conjunto de práticas que governam*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SANTOS, Angela Nediane dos; SILVA, Bianca Gonçalves da; CARDOSO, Raquel Rochemback Barcellos; MORAES, Violeta Porto. Diferentes usos da cultura surda na literatura: a língua de sinais atravessada por marcas culturais e ressignificada nos processos de inclusão. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise. *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e Diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.